

## O COMUNISMO DE JUSTINO MARTINS E A EVIDÊNCIA DAS CLASSES POPULARES NA *REVISTA DO GLOBO* (PORTO ALEGRE/1939-1947)

MARISÂNGELA TEREZINHA ANTUNES MARTINS\*

Descobrimos Justino Martins em nossa pesquisa de doutorado, concluído em 2012, cujo objetivo foi revelar e explorar as articulações entre o mundo da militância comunista e o mundo da literatura de Porto Alegre entre 1927 e 1957 a partir da trajetória de um conjunto de escritores militantes do Partido Comunista do Brasil (PCB). (MARTINS, 2012). As fontes analisadas nessa investigação mostraram que Justino foi um personagem muito importante na história da literatura no Rio Grande do Sul, desempenhando um papel estratégico, enquanto diretor da tradicional *Revista do Globo*, no processo de consagração de escritores comunistas durante o Estado Novo. Concluída a tese, aprofundar o estudo sobre a trajetória desse personagem no referido periódico mostrou-se um desdobramento necessário para compreender as regras do mundo literário porto-alegrense do fim de década de 1930 até meados do decênio seguinte. Apresentamos, aqui, alguns incipientes resultados dessa nova pesquisa, cujo projeto intitula-se *A trajetória de Justino Martins na Revista do Globo (Porto Alegre/1939-1947)*.

Nosso objetivo é mostrar e analisar uma das transformações realizadas por Martins na *Revista do Globo*: a propagação de reportagens com ênfase nos costumes e nos problemas econômicos e sociais das classes populares. Até 1939, os responsáveis pelo quinzenário (Mansueto Bernardi, Erico Verissimo e Luiz Estrela) reservaram um número considerável de páginas para eventos sociais relacionados à elite sul-rio-grandense – como nascimentos, bodas e aniversários de membros de famílias tradicionais – e para reportagens bajuladoras sobre grandes figuras da política, como Flores da Cunha e Getúlio Vargas. O historiador Mateus Dalmáz salienta que, em dado momento, com o objetivo de dar um ar mais popular ao impresso, publicaram-se fotos de seus assinantes ou sonetos de bons fregueses da Livraria do Globo. (DALMÁZ, 2002: p.47). Dar um caráter mais popular, nesse caso, significava

---

\* Doutora em História – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

diminuir o predomínio da literatura e dos textos especializados nessa área na publicação, diversificando seu conteúdo, tornando-o acessível a um público leitor maior, possibilitando, assim, uma fácil identificação deste com a revista. Porém, foi na direção de Justino Martins que o impresso passou a difundir temas e problemas relacionados às camadas mais pobres da população.

Justino Martins nasceu em 13 de abril de 1917 na cidade de Cruz Alta, situada ao norte do Rio Grande do Sul. Casou-se com Lucinda, cunhada do romancista Erico Verissimo, conterrâneo de ambos, e começou seu trabalho na Globo muito jovem, com vinte e um anos, fazendo revisões e traduções para a seção editora das empresas de José Bertaso. Em um depoimento que concedeu para a *Revista do Globo* no início dos anos 1960, Justino relatou que, ao ingressar na editora, vinha de uma adolescência bastante rude, descarregando sacos de açúcar, arroz e sal, como estivador de uma cooperativa, enquanto estudava à noite. (Um pouco da história..., 1962: 40-45).

Martins ficou bastante conhecido pelo trabalho desenvolvido no comando das revistas *Manchete* e *Ele Ela*, de propriedade dos irmãos Bloch, nas décadas de 1950, 1960 e 1970. Mas sua escola foi a *Revista do Globo*, cuja direção assumiu em 1939, em substituição a Luiz Estrela, permanecendo até 1947. Ao avaliar sua carreira quinze anos mais tarde, o jornalista reconheceu que foi no quinzenário gaúcho que se formou “moralmente, enfrentando responsabilidades bem grandes”. Afirmou também que, ao ficar encarregado da revista, considerou “tudo horrível, antiquado, sem vida”, mas, pouco a pouco, foi “reformando a publicação, ao passo que aprendia a fazê-la, aprendendo também a escrever”. (Um pouco da história..., 1962: 40-45).

Como bom militante do PCB, em contato constante com dirigentes paulistas – como Tito Batini –, o jornalista de Cruz Alta não deixou de usar o poderoso veículo que tinha em suas mãos para dar destaque positivo ao comunismo, aos comunistas e à União Soviética no difícil contexto do Estado Novo. (MARTINS, 2012: 130). Alguns amigos da casa editorial dos Bertaso ficavam temerosos por Justino ser “gente de Moscou” e por esse fator influenciar decididamente na seleção das notícias. (BERTASO, 1993: 67). Contudo, segundo as lembranças de Carlos Reverbel, o velho José Bertaso não se preocupava, pois o talento de seu

funcionário lhe rendia muitos dividendos (econômicos e simbólicos). (BONES; LAITANO, 2006: 739-740).

A posição política e ideológica de Justino Martins também ficava evidente no crescente número de reportagens sobre as parcelas da população econômica e socialmente desfavorecidas. Produzidas pelo próprio diretor, tais matérias transformaram o caráter da *Revista do Globo*, agradando a uns e desagradando a outros. A escritora Lygia Moschetti, por exemplo, presidente da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul, fundada em abril de 1943, queixava-se da produção de suas congêneres não encontrarem espaço na *Revista do Globo*, cujos editores, em sua avaliação, além de priorizarem elogios mútuos no seio de um círculo fechado de escritores consagrados, haviam resolvido fazer dela uma “revista popular”. (MARTINS, 1943a: 42-43 e 58-59). As queixas de Moschetti, em parte, referiam-se aos critérios criados e apresentados como legítimos pela Editora, pela Livraria e pela *Revista do Globo*, a partir de demandas artísticas e literárias, bem como políticas e econômicas, que consolidavam um determinado padrão estilístico e fechavam o mercado em torno daqueles que compunham o círculo dos “amigos da Globo”, formado predominantemente por homens. Tal fechamento – no interior do qual os elogios recíprocos funcionavam como elos de uma cadeia consagradora – foi sentido pela escritora.

Já para o jornalista Joel Silveira, em reportagem para a revista carioca *Diretrizes* em 1942, Justino Martins havia feito da *Revista do Globo* uma das melhores publicações do país. (SILVEIRA, 1942: 34). Uma nota em outra edição do mesmo impresso, do qual Justino também foi colaborador, qualificou-o como “desassombrado diretor” do quinzenário de Porto Alegre e informou que Martins havia recusado “honrosa proposta para ocupar o lugar de secretário da redação de um dos mais prestigiados vespertinos de São Paulo”. (Justino Martins, 1942: 29). Esse dado sugere-nos uma grande repercussão do trabalho realizado pelo jornalista de Cruz Alta na *Revista do Globo* e o reconhecimento deste por parte de colegas e de prestigiados jornais do centro do país.

Justino tinha um estilo envolvente. Em suas reportagens, costumava estabelecer relações entre o assunto em pauta, obras literárias e cinema. Não raro recorria à ironia – a exemplo do uso de aspas ao se referir às integrantes da Academia Literária Feminina do Rio

Grande do Sul como “imortais” em matéria mencionada acima. Nos textos sobre as classes populares, recorria a um tom denunciativo e dramático, com forte carga persuasiva, tanto mais porque, geralmente, essas narrativas sustentavam-se na autoridade da observação *in loco* feita pelo próprio autor.

O primeiro texto nesses moldes, publicado no início de 1939, deu a conhecer o bairro Bom Fim, de Porto Alegre, resgatando o processo de ocupação do local, exaltando a diversidade racial e cultural e o caráter comunitário das sociabilidades daquela região. A reportagem, descritiva, resultou de um passeio de Justino pelas ruas do bairro num fim de tarde de sábado. A trecho a seguir exemplifica a caracterização positiva do Bom Fim pelo diretor da *Revista do Globo*:

*Passa um grupo de pretos falando em Escola de samba, em Morro dos Prazeres, procurando acentuar o patuá carioca. Advinha-se neles aquela vontade de viver aquela vida boêmia do malandro do Rio. Mas eles esquecem que o Bom Fim é diferente: é típico de Porto Alegre e talvez mais belo, com o seu tumulto, que os falados morros da capital brasileira. (MARTINS, 1939a: 26-27).*

Nas matérias divulgadas nas edições seguintes, além de descrever os grupos (de barqueiros, de jornaleiros, de moradores de rua, de mulheres presidiárias etc.), Martins abriu espaço para depoimentos, interessando-se por pessoas, no geral, invisíveis para parte da sociedade porto-alegrense e dando voz a sujeitos, cujo modo de vida, doutro jeito, dificilmente chegaria ao conhecimento dos leitores da *Revista do Globo*. Uma das reportagens com esse perfil o jornalista de Cruz Alta extraiu do convés de um barco, coberto de melancias, repleto de moscas, num ambiente sem higiene e sem conforto. Entrevistou o barqueiro Albino Martinelli, que vivia num pequeno barco com a família em extrema pobreza:

*“- Isto aqui é tão monótono, que a gente nem tem o que contar, meu amigo. Imagine você que estou há três dias encostado nesta areia, esperando vender as melancias... Vivemos aqui, da mesma maneira como se vivêssemos na terra: ganhando o que mal dá para viver. Os maiores sucessos da nossa vida, é o que acontece de mau: uma criança que cai nágua, um barco que naufraga parado, uma carga que não se vende, e, não raro, quinze ou vinte dias de inatividade por falta de dinheiro para o imposto... Sim, sem pagar o imposto não podemos descarregar.” (MARTINS, 1939b: 22-23).*

Por meio desse relato, Justino divulgou algumas das dificuldades enfrentadas por barqueiros do Guaíba, em cujas margens se localizava o porto da capital gaúcha. Mesmo diante daquela paisagem de miséria, o diretor da *Revista do Globo* concluiu a reportagem com palavras afirmativas: “Deixei os barcos do Guaíba e voltei-me de longe para rever aquele cenário natural. Então, percebi que, agrupados como estavam, os barcos eram bonitos na sua velhice irremediável, na sua pobreza.” (MARTINS, 1939b: 22-23).

É possível estabelecermos relação entre as frases finais da reportagem e algumas das principais linhas do realismo socialista. Ao enxergar beleza na pobreza, Justino concluía sua matéria em tom muito próximo ao “romantismo revolucionário”, um dos pilares de sustentação da literatura inspirada nas ideias do dirigente soviético Andrei Jdanov. Contudo, e embora outros traços da estética revolucionária possam ser identificados nos textos que analisaremos a seguir, não é possível afirmarmos – pelo menos, por enquanto – que esse aspecto do jornalismo de Martins na *Revista do Globo* foi intencionalmente fiel a ela ou que foi determinado pelo PCB.

Curioso, como todo repórter, Justino Martins percorria a cidade atrás de grupos excluídos e de histórias interessantes, como na reportagem sobre os moradores de rua:

*[...] tive a intenção de registrar apenas a maneira como vivem, entre nós, essas criaturas dispersas pelas ruas, envoltas em farrapos, que olham e vagam por tudo, sentando e dormindo nos bancos das praças, entre flores e árvores bem cheirosas, ou em recantos onde a imundície da cidade vai repousar definitivamente. [...] Procurei-os para saber o que eles pensam de nós outros, da vida e do mundo. Quis ouvir-lhes as confissões, os dramas, as histórias, em fim, que emolduram o estado de absoluto abandono e de miséria em que vivem.* (MARTINS, 1941: 17-19).

Martins envolveu a vida dos moradores de rua numa narrativa dramaticamente realista e afirmou que estava em busca do outro lado da história, do que essas pessoas desimportantes pensavam a respeito dos que viviam uma vida oposta a sua, da própria existência e do que acontecia no mundo naquele momento (a Segunda Guerra Mundial). Entre os “homens sem endereço” que encontrou, conheceu Fábio Francisco Silva. Segundo Justino, “um lírio negro plantado no lixo”: um homem negro de 28 anos de idade, que sabia ler e escrever, revelava uma vida interior imensa, fortalecida pela solidão e nenhum espírito religioso, embora tivesse sido pregador da religião espírita em outros tempos. Fábio Silva sentia-se dono de toda a

cidade, pois poderia desfrutar de tudo que havia nela sempre que desejasse. Sobre o mundo, afirmou não se interessar pelas notícias dos jornais, porque falavam somente dos “homens ilustres”. Por fim, justificou sua convivência com a imundície: “As moscas? Elas não são mais imundas do que eu. Têm vida, e eu também tenho. A vida é uma só em todos os seres...”. Diante de tal demonstração de desapego, Justino concluiu a reportagem com a frase: “Homens sem endereço! Que grande assunto para um romance!” (MARTINS, 1941: 17-19). Onde ninguém imaginava, entre aqueles sujeitos desprezados pela sociedade, havia pessoas cuja complexa personalidade sustentaria o enredo de um romance.

Ao dar a conhecer as histórias dos moradores de rua, Justino Martins resgatava a existência desses sujeitos, à semelhança da reportagem sobre os meninos jornalheiros de Porto Alegre, publicada em agosto de 1942. Nesse caso, porém, o autor não se limitou a descrever o modo de vida do grupo alvo da reportagem. Justino avançou nas críticas. Ele acompanhou e descreveu a rotina dos vendedores de jornais, suas gírias, a concorrência entre eles, os golpes, a pobreza. Em dada altura do texto, Justino falou da indiferença da sociedade para com os meninos e pressagiu um futuro nada promissor para os pequenos:

*Fazem parte da rua, como os paralelepípedos, para os quais só olhamos ocasionalmente. E assim eles crescem, aprendem e vivem – quando não morrem sob as rodas de um veículo – até que a idade lhes possibilite uma profissão mais bem remunerada. Há casos, raros casos, de ex-jornalheiros que se tornaram grandes homens. Mas estes, pertencem ao domínio da lenda ou podem ser encontrados facilmente nas biografias norte-americanas... A maioria, porém, toma os caminhos do mal e vai enriquecer as crônicas policiais ou, pelo menos, desaparece no anonimato das mais humildes profissões braçais, arrastando consigo uma recordação agreste da infância infeliz. (MARTINS, 1942: 20-23)*

Cogitando as piores hipóteses, Martins previu para os meninos vendedores de jornais o futuro das desvalorizadas ocupações braçais e do crime, parecendo desesperançado em relação às possibilidades de eles se encaminharem para profissões mais reconhecidas socialmente, uma realidade que contrastava com o destino dos jornalheiros ficcionais. O jornalista fez a denúncia, mas não propôs explicações para tal situação.

No ano seguinte, motivado pela publicação dos relatórios de Alberto Pasqualini – então Secretário do Interior e Justiça do Rio Grande do Sul – sobre os altos índices de miséria no estado, Justino traçou um panorama fotográfico da situação dos “marginais” em Porto

Alegre. O diretor da *Revista do Globo* elogiou o relatório e seu autor ao longo da reportagem, afirmando que Pasqualini havia lançado luzes sobre uma realidade por muito tempo encoberta pelo “véu da indiferença”, mostrando uma verdade caótica, aflitiva e absurda: “num dos Estados mais ricos do Brasil, reina a fome, a doença e a miséria...”. (MARTINS, 1943b: 19-21). Nas legendas das perturbadoras fotografias, seguiam comentários de Justino Martins sobre as miseráveis condições infraestruturais e higiênicas das parcelas mais pobres da população de Porto Alegre, comparadas aos dados divulgados por Pasqualini e reforçadas pela referência a Karl Marx, cuja teoria constituía-se na chave da leitura que o jornalista fazia daquela realidade:

*[...] No relatório do Dr. Alberto Pasqualini está escrito que, de 3.595 crianças nascidas este ano na Santa Casa e pertencentes às classes pobres, 1.107 faleceram! E as que não morrem, crescem como as que vemos acima, num estado semi-selvagem, rancorosas. Quando ficarem grandes, tomarão, por certo, sua revanche contra a sociedade. E, então, a sociedade as qualificará de tarados e as punirá por suas ações. Estas frases escritas assim com esse tom de dramaticidade, dentro de uma legenda, podem parecer ingênuas, mas contêm uma verdade tão profunda como qualquer sentença de Karl Marx. (MARTINS, 1943b: 19-21).*

O diretor da *Revista do Globo* explicitou ao público sua interpretação materialista sobre o assunto, sustentando-a em Karl Marx e apresentando as certezas de quem apreendia a realidade porto-alegrense pela ótica da luta de classes e da exploração. No fim da matéria, Justino lançou a questão: “Qual a verdadeira solução para estes graves problemas sociais!”. (MARTINS, 1943b: 19-21). O leitor pode ter feito a seguinte associação de ideias: se a realidade sul-rio-grandense continha uma verdade tão profunda como qualquer sentença de Marx, a solução para os problemas sociais dela decorrentes só poderia vir também dele.

Nos anos seguintes, Justino Martins deu continuidade às reportagens reveladoras e passou a criticar o papel dos governantes diante da pobreza, embora não os atacasse diretamente. Em 1945, ele visitou a Vila Marginal, localizada próximo ao cemitério São João, na zona norte de Porto Alegre, um lugarejo escolhido pela prefeitura (à época governada pelo advogado Antônio Brochado da Rocha), auxiliada pela Legião Brasileira de Assistência (LBA), para assentar os indesejáveis ambulantes das zonas centrais da cidade.

Justino ironizou a tentativa de organizar a pobreza numa vila e criticou a ação de manter longe da elite porto-alegrense aqueles cuja existência a incomodava, numa clara medida de limpeza social, como nos trechos que seguem:

*E, DE SÚBITO, por amor à limpeza da City, alguém teve a ideia de ocultar o pecado. Policiais e funcionários bateram Porto Alegre inteira em busca dos maloqueiros para desgrudá-los dos muros, arrancá-los de junto aos isolados arranha-céus centrais e recantos públicos mais abrigados. Quiseram reuni-los a todos num único local, formando uma 'vila de marginais' que ficasse bem longe da cidade bonita, lá onde aqueles verdadeiros percevejos humanos não inquietassem o pacato transeunte burguês com a sua incômoda advertência social.*

[...]

*A ideia foi da Prefeitura Municipal. Na falta de outra solução, livrar-se-ia a urbs [sic], pelo menos, da degradante visão dos maloqueiros. Escolheu-se um campo público e ali formaram-se ruas com as malocas alinhadas. Numeraram-se as ruas. Numeraram-se as casas. E a turma passou a viver em sociedade, com seus males, com a fome parcamente aliviada pelos ranchos da Legião e à espera de novas atenções. (MARTINS, 1945: 21-25).*

O jornalista cruz-altense explicou que a prefeitura havia encontrado uma solução para o problema da burguesia, mantendo a pobreza longe de seus olhos, mas não havia resolvido as dificuldades dos pobres. Mesmo organizando a miséria em malocas alinhadas, com ruas e casas numeradas, essa parcela da população seguia com seus problemas, enfrentados, dali em diante, em comunidade. Para ele, a medida dos dirigentes municipais, em verdade, era vã:

*O pecado, ao que se observa, não ficou extinto com o campo de concentração, pois enquanto se socorre o efeito, as causas se intensificam dia a dia com o aumento da pobreza popular, com as dificuldades insolúveis de moradia, de subalimentação, o êxodo constante das populações camponesas para a cidade. (MARTINS, 1945: 21-25).*

Na avaliação de Justino Martins, pouco adiantava sanar os efeitos, se as causas da pobreza permaneciam, e a própria concretização das medidas paliativas do governo era duvidosa:

*Mas sabemos que há um plano governamental bastante amplo de assistência social e até uma verba razoavelmente grande para sua realização. Resta aos maloqueiros porto-alegrenses esperarem a solução desses planos, embalando seus sonhos de melhoria, nestas noites de geada, com a música sugestiva das coroas do vizinho Cemitério São João. (MARTINS, 1945: 21-25).*



O autor insinuava que, tal como o conteúdo dos jazigos que as coroas do Cemitério São João adornavam, o futuro do plano de assistência social do governo já estava morto. Essa e outras reportagens produzidas por Martins impunham aos leitores e leitoras da *Revista do Globo* aquela realidade dura, feia e constrangedora – mas possivelmente reversível – que muitos deles não desejavam conhecer ou lembrar.

Nas últimas edições sob os cuidados de Justino, era possível respirar o alívio do fim da Segunda Guerra Mundial e do Estado Novo. No entanto, já se desenhava o cenário da Guerra Fria, e o diretor do quinzenário dos Bertaso agregou aos demais assuntos a temática da discriminação racial, um delicado problema da sociedade norte-americana na época.

Em fevereiro de 1946, o diretor da *Revista do Globo* produziu uma reportagem sobre os espaços frequentados predominantemente por negros nas capitais gaúcha, paulista e carioca. Aparentemente, Justino foi motivado por notícias da crescente segregação racial nos Estados Unidos (especialmente, em Washington) e por ter passado por uma experiência de discriminação racial num “salão de baile de negros” da Rua João Alfredo, em Porto Alegre. Nessa ocasião, de acordo com seu relato na reportagem, o porteiro do estabelecimento lhe barrara e dissera: “Você é branco, rapaz. Que é que quer fazer aqui? Não pode entrar, não. Vá dançar na sua zona...”. (MARTINS, 1946: 19-25). Para o autor, porém, era em São Paulo que o problema mostrava-se mais claramente. À guisa de exemplo, ele mencionou os anúncios que explicitavam não se desejarem negros como empregados domésticos e narrou a história em que a Rua Direita foi tomada por eles, obrigando a elite branca a adotar outros espaços:

*Mas as coisas bonitas não atraem apenas os brancos. Vivendo em condições de miséria, totalmente segregados da sociedade, com a sua participação heroica nas Bandeiras Paulistas negada em volumes inteiros da ‘Coleção Brasileira’ pelo sr. Alfredo do Ellis Júnior [...] os pretos foram entrando na Rua Direita a fim de se divertirem à vista das vitrinas iluminadas.* (MARTINS, 1946: 19-25)

O comentário de Justino buscou reconhecer o quão justa era a iniciativa dos negros em tomar os espaços públicos informalmente destinados aos brancos. Primeiramente, porque sua capacidade de apreciar o belo não se diferenciava da sensibilidade da elite branca. Em segundo lugar, porque já haviam sido injustiçados o suficiente, vivendo na miséria, apartados

da sociedade e com sua participação em momentos importantes da história do país absolutamente ausente dos livros de história. O diretor da *Revista do Globo* afirmou que a discriminação racial existia no Brasil e ofereceu explicações aos leitores: “Esse sentimento [o de “raça”] existe, sem dúvida, e as suas causas não serão gratuitas. Mostra-se, antes de tudo, como uma reação consciente contra o menosprezo que se tem votado ao negro nas nossas capitais, principalmente.” Ou seja, o comportamento dos negros em relação aos brancos constituía-se numa compreensível reação ao tratamento que haviam até então recebido destes.

As reportagens examinadas para esse trabalho permitem-nos situar a iniciativa de Justino Martins de inserir temáticas relacionadas às camadas mais pobres e excluídas da população na primeira edição da *Revista do Globo* sob seus cuidados. O modo como o jornalista comunista lidava com os fatos de seu tempo assemelhava-se em alguns aspectos ao que Lênin, de acordo com Moraes (1994: p.61), definia como componentes do perfil de um “jornal popular”: (1) seriedade da informação (o que significava ir ao local, fazer estatísticas, não omitir data ou nome etc.); (2) interpretação marxista dos fatos sociais; e (3) no vigor da expressão. Tais características sugerem-nos reverberações das orientações de Lênin no jornalismo de Justino Martins na *Revista do Globo*. Mas essa influência esteve longe de conferir ao tradicional impresso o caráter combativo da imprensa própria do Partido. De todo modo, a constatação contribui para compreendermos o quão profunda, em termos ideológicos, foi a transformação realizada pelo cruz-altense no periódico e sinaliza para a necessidade de investigarmos quais fatores permitiram que modificações dessa ordem fossem efetivadas em pleno Estado Novo numa revista cujo proprietário mantinha antigas e estreitas relações com Getúlio Vargas.

### **Referências bibliográficas:**

BERTASO, José Otávio. *A Globo da Rua da Praia*. São Paulo: Globo, 1993.

BONES, Elmar; LAITANO, Cláudia. *Carlos Reverbel. Textos escolhidos*. Porto Alegre: JÁ Editores, 2006.

DALMÁZ, Mateus. *A imagem do Terceiro Reich na Revista do Globo (1933-1945)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

Justino Martins. *Diretrizes*, Rio de Janeiro, n.92, 02/04/1942.

MARTINS, Justino. Um bairro Portoalegrense. Bom Fim, o eco de mil vozes. *Revista do Globo*. Porto Alegre, Ano XI, n.243, 14/01/1939a.

\_\_\_\_\_. Barcos do Guaíba. *Revista do Globo*. Porto Alegre, Ano XI, n.247, 11/03/1939b.

\_\_\_\_\_. Homens sem endereço. *Revista do Globo*. Porto Alegre, Ano XIII, n.306, 25/10/1941.

\_\_\_\_\_. O Clube dos Jornaleiros. *Revista do Globo*. Porto Alegre, Ano XIV, n.324, 08/08/1942.

\_\_\_\_\_. Um jantar com as imortais. *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano XV, n.345, 14/08/1943a.

\_\_\_\_\_. O drama dos marginais. *Revista do Globo*. Porto Alegre, Ano XV, n.352, 27/11/1943b.

\_\_\_\_\_. Miséria Organizada. *Revista do Globo*. Porto Alegre, Ano XVII, n.389, 23/06/1945.

\_\_\_\_\_. Gafieiras. *Revista do Globo*. Porto Alegre, Ano XVIII, n.404, 09/02/1946.

MARTINS, M. T. A. *À esquerda de seu tempo. Escritores e o Partido Comunista do Brasil*. 2012. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, Porto Alegre, 2012.

MORAES, Dênis. *O imaginário vigiado. A imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil (1947-53)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

SILVEIRA, Joel. Erico Verissimo não é funcionário público. *Diretrizes*, Rio de Janeiro, n.84, 29/01/1942.

Um pouco da história da Revista do Globo. Três depoimentos. Mansueto Bernardi, Justino Martins, Erico Verissimo. *Revista do Globo*. Ano XXXIV, n.813, de 3 a 16 de fevereiro de 1962.